

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

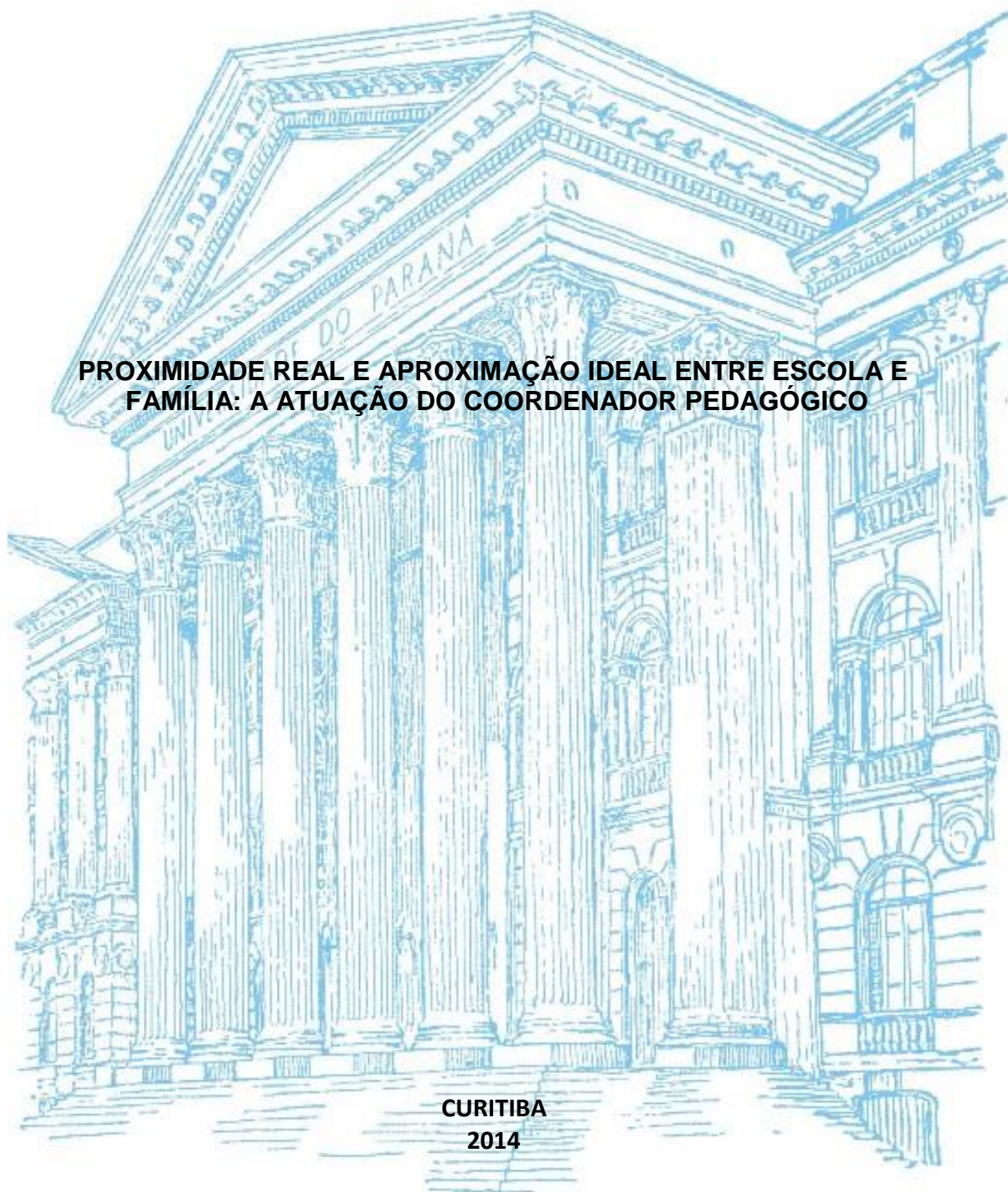
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

REGIANY DE CÁSSIA VIEIRA DA SILVA

**PROXIMIDADE REAL E APROXIMAÇÃO IDEAL ENTRE ESCOLA E
FAMÍLIA: A ATUAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO**

**CURITIBA
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

REGIANY DE CÁSSIA VIEIRA DA SILVA

**PROXIMIDADE REAL E APROXIMAÇÃO IDEAL ENTRE ESCOLA E
FAMÍLIA: A ATUAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

CURITIBA
2014

PROXIMIDADE REAL E APROXIMAÇÃO IDEAL ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: A ATUAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Autora: SILVA, Regiany de Cássia Vieira da¹
Orientador: MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli²

RESUMO

Encarar a educação como um desafio na sociedade contemporânea é uma das tarefas assumidas pelo coordenador pedagógico dentro das escolas da rede pública de ensino. O tema estudado alcança uma dimensão que ultrapassa os muros escolares, vai além, quando encontra na escola e na família um ponto de partida para a atuação e mediação do coordenador pedagógico enquanto elo entre ambas. Através da realização de entrevistas, houve a possibilidade de uma análise acerca das fragilidades e desencontros ocorridos entre o papel da escola de ensinar, e a função da família de educar e acompanhar a vida escolar do educando. Como resultado, observa-se que muitas vezes o distanciamento entre escola e família, provoca um retrocesso quanto ao sucesso escolar do aluno. A família deseja uma escola que de fato acolha seu filho e que, ao mesmo tempo, direcione um trabalho que possibilite aos pais acompanharem a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Escola, família, coordenador, parceria.

INTRODUÇÃO

Conhecemos o processo educacional como um resultado. No entanto, se formos avaliar integralmente suas fragilidades em diferentes contextos sociais, enxergaremos muito além do que nos apontam os números quanto ao aprendizado desses alunos.

Falar em escola, nos remete ao aluno e consequentemente à família responsável por este. O que nos coloca o seguinte problema: como ocorre o processo de inserção deste aluno na escola, uma vez que o universo que o cerca muitas vezes esbarra em questões sociais, políticas, econômicas e culturais?

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Pós graduada em Gestão Escolar pelo ESAP. Professora da Rede Municipal de Ensino de Maringá.

² Dr. em Educação. Professor pesquisador do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Universidade Aberta do Brasil.

Nossa hipótese de pesquisa é que tais questões desafiam o coordenador pedagógico a ser bem mais que um mero articulador entre escola e família. Além de promover tal integração, este coordenador precisa entender a realidade escolar do aluno de uma forma como ainda não havia pensado.

Encarando por essa ótica, o objetivo desta pesquisa é compreender o aluno analisando outras possibilidades de aprendizagem, em especial o seu comportamento dentro da escola.

No intuito de melhor conhecer a comunidade local em questão, os objetivos que regem tal estudo / pesquisa, consistem em conhecer fatores determinantes na relação entre pais e escola; analisando os resultados da pesquisa, a avaliação da intervenção do coordenador pedagógico no referido contexto, ficará mais nítida e compreensível. Outro objetivo, é levantar algumas causas do fracasso escolar, a atuação da família junto ao trabalho pedagógico desenvolvido pela escola em questão e as possibilidades de atuação do coordenador pedagógico neste enredo enquanto mediador na referida relação.

Para tanto, os sujeitos da pesquisa são: escola, pais, alunos e coordenador pedagógico. A abordagem metodológica cujo resultado ajudará a entender tal situação é um exercício de entrevista, posteriormente escrita conforme a obtenção de dados. Entrevistas gravadas servirão como suporte para o processo de análise através da escuta e escrita posteriores.

O trabalho iniciar-se-á por meio de entrevista por amostragem com alguns pais de alunos selecionados, tendo como critérios: dificuldade quanto à aprendizagem, indisciplina, alunos com bom rendimento escolar. As entrevistas serão reproduzidas contando com questões semi-estruturadas. Será realizada ainda, uma entrevista com um pedagogo da escola. Finalmente, a coleta de dados junto à pesquisa bibliográfica, fará nascer questionamentos e possibilidades de atuação do coordenador pedagógico, frente ao trabalho desenvolvido pela escola com os alunos e suas famílias.

1 O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA MEDIAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Falar de educação já nos remete a uma série de fatores de ordens social, histórica, econômica, política e cultural, sem deixar de mencionar as relações de poder implícitas em meio a tudo isso. Um dos caminhos é apostar na relação entre escola e as famílias dos alunos, no intuito de partilhar angústias e responsabilidades acerca de questões pedagógicas e cognitivas.

Fazendo um retrospecto da educação pública brasileira, podemos facilmente constatar, entre várias fragilidades, a dificuldade quanto ao processo de interação entre escola e família. E este determina muitas outras questões importantes no contexto cotidiano educacional. Sim, porque a escola pode e deve recorrer e envolver a família sempre que questões positivas ou não, tornarem-se latentes.

De acordo com Parolin é possível “afirmar que as escolas que têm um olhar para a família como parceira no processo educativo, desenvolvem, além de melhores rotinas de aprendizagem, laços de confiança com a comunidade educativa e passam a ‘fiar com’ (junto) a construção de um aprendiz melhor instrumentalizado para ser o cidadão de que a nossa sociedade precisa e deseja” (2013, p. 38).

Constantemente discutimos e estudamos casos de alunos e de seu respectivo sucesso e principalmente seu indesejado fracasso escolar. Questões como essa, causam inquietação e requerem da escola, na figura do coordenador pedagógico, uma aproximação entre escola e família a fim de estabelecer um diálogo quanto ao processo educacional.

Uma escola verdadeiramente educativa, busca envolver pais e responsáveis em seu trabalho junto aos alunos, pois o sucesso ou fracasso dos mesmos tende a ter suas raízes em diversos canteiros familiares, sociais ou escolares.

Conforme afirma Steigenberg (apud. WEBER, 2007),

É urgente a adoção de ações dentro de uma perspectiva da compreensão das transformações sociais ocorridas historicamente e que trouxeram como consequência relações conflituosas no meio familiar e escolar. É preciso abordar a educação associada à afetividade e ao amor incondicional, onde pais e professores, através da integração, possam buscar relações que contribuam para uma formação integral. (p. 68)

De fato, em parceria com a família, a escola faz-se indiscutivelmente mais forte e seus empreendimentos tendem a ser bem sucedidos. Muitas das realidades locais já estudadas e discutidas requerem do coordenador pedagógico uma tarefa árdua. Realizar tal parceria entre escola e família demanda estudos e esforços enormes no sentido de certificar-se das fragilidades de sua escola e de sua comunidade.

Embora pareça um trabalho bastante simples, a responsabilidade assumida pelo coordenador pedagógico que ocupa a linha de frente neste enredo, é indiscutível. É preciso que haja uma sintonia entre o coordenador e seus professores, bem como junto à equipe diretiva do estabelecimento de ensino. Aliar-se pode dar certo, porém pode também afugentar alguns que, por resistência, não aceitem contribuir com o processo proposto. Os desafios surgem e devem ser enfrentados e superados.

A comunicação entre escola e família deve ser pautada na confiabilidade, na credibilidade transmitida pelos valores envolvidos, pelo respeito e pela integração. A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Um caminho de cooperação que só será efetivo se os pais compreenderem que à escola não cabe exercer a função moral da família. E, se a escola promover ações de conscientização junto a essas famílias para que fique clara a importância do dever de cada um no desenvolvimento aluno/filho, e que, embora essa parceria escola e família seja essencial, cada um desses setores deve conservar suas particularidades (DI SANTO, 2007, p.31)

Uma parceria verdadeira é aquela onde cada parte assume suas responsabilidades e onde também não haja inversões de valores e de atribuições. A escola não deve jamais perder seu foco de formadora, seu alvo cognitivo, científico. À família, é concedido o direito de participação neste processo e atribuído o dever de caminhar junto ao educando, amparando, educando, construindo preceitos éticos e morais.

O coordenador pedagógico tem, entre suas atribuições, a função de mediar essa interação entre escola e família, proporcionando ao educando diferentes possibilidades de aprendizagem, bem como auxiliando-o no quesito indisciplina. Trazer a família para dentro do espaço escolar e entrevistá-la, certamente é o início de um trabalho que se estenderá até que alcance efetivamente o foco aprendizagem. Há aqueles que aprendem efetivamente e atingem um excelente desenvolvimento cognitivo, bem como há os que pouco sucesso alcance quanto à

assimilação dos conteúdos trabalhados. Ambos necessitam do olhar clínico do coordenador pedagógico, assim como a presença da família neste contexto, faz-se indispensável.

Nesses termos, a escola, o coordenador pedagógico, aluno e família compõem um quadrilátero cujos ângulos devem estar devidamente alinhados. Junto à equipe diretiva e pedagógica da escola, regidos pela harmonia de uma gestão democrática, o trabalho apresentará bons resultados; não podemos perder de vista a função de cada instância no referido contexto. A escola sempre consistirá para a sociedade, numa instituição da qual se quer extrair cidadãos cuja formação inclua comportamento ético, cultural e social.

Assim descreve Brandão:

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros (1999, p. 15).

Com o propósito de atender toda essa demanda social, a escola abre suas portas à família, para que esta una seus esforços e projete seus anseios em seus filhos. Muito se fala em uma educação redentora, no entanto, precisamos repensar as bases na quais firmamos nossos conceitos profissionais. Pois, o educador não apenas ministra seus conteúdos, mas acompanha os passos de seus alunos a fim de impulsioná-los também para um crescimento pessoal / ético. E esta educação, além de aliada à família, deve ainda, estar atrelada à afetividade.

O papel de intervenção do coordenador pedagógico torna-se essencial, uma vez que cada aluno e cada turma apresentam suas particularidades. Seria vão o pensamento de que a escola, sozinha, daria conta de todas essas especificidades.

Tecer estratégias de trabalho para envolver a família no processo educacional, requer do coordenador pedagógico um olhar minucioso sobre o processo cognitivo do educando, bem como da análise das condições de aprendizagem proporcionadas ao mesmo. Situações conflituosas fora do ambiente escolar podem provocar danos severos para o desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo. Problemas enfrentados dentro da escola também causam prejuízos. Para Comenius “a educação não se resume a ensinar alguns conceitos. A educação é considerada como um processo ao longo de toda a vida e ao mesmo tempo uma maneira de reorganizar e reconstruir a sociedade” (2002, p. 53).

Ele afirma que não fomos colocados no mundo só para sermos expectadores, mas também atores. E vai além, quando menciona a importância da formação integral do indivíduo, pois este é um ser social, passível de aprimoramentos em todas as áreas ao longo de sua existência. A escola, em parceria com a família, é capaz de alcançar tais objetivos. Dialogar a educação e a formação do aluno, desperta fatores nem sempre observados que apresentam relevância frente à formação do indivíduo.

Não é que a escola seja a redentora da humanidade; o processo de declínio social também assola a educação pública brasileira. No entanto, uma proposta de trabalho bem direcionada pelo coordenador pedagógico junto à sua equipe, multiplica possibilidades de sucesso sempre que se alia à família.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia, filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (PAROLIN, 2003, p.99)

O desafio do coordenador pedagógico, está posto: a própria escola é desafiada pela sociedade, sendo exigida na maioria das vezes como órgão de soluções. Cabe-nos então, refletir tão somente: onde estão as famílias esperadas dentro da escola? O que elas esperam da escola? Há distância entre o aluno real e o educando desejado? Que projeções e expectativas o coordenador pedagógico pode criar e executar junto às famílias?

2 QUAIS SÃO AS FAMÍLIAS DESEJADAS PELA ESCOLA?

Analisando o Projeto Político Pedagógico do estabelecimento de ensino no qual foi realizada a pesquisa, notamos uma aprovação e satisfação dos pais em relação à qualidade do ensino ofertado pela escola. Porém, muitas dessas famílias são ausentes e omissas, distantes do ambiente escolar. Por tratar-se de um ensino em tempo integral, os alunos perfazem uma jornada de 9 horas corridas no referido ambiente, ocupados com o ensino regular pela manhã e envolvidos com oficinas diversificadas no período vespertino.

Deixar os filhos em um local assim, infelizmente já satisfaz muitas famílias. Nem sempre os pais são presentes, tampouco se ocupam em investigar a qualidade

do trabalho realizado junto aos filhos. Falo de uma comunidade pouco preocupada com o quesito qualidade, a cultura local não desperta o respectivo interesse. São famílias de classe econômica média baixa em sua maioria, pais que trabalham para sustentar a casa e em alguns casos, há relatos de famílias envolvidas com uso e tráfico de drogas.

Uma vez que a relação entre escola e família deve ter como princípio a confiabilidade, a mesma consiste em conhecer melhor aquilo que se trabalha em cada escola. E se há ausência, não deve haver conhecimento de causa suficiente para críticas, sugestões ou mesmo questionamentos.

Os dados analisados junto ao Projeto Político Pedagógico da escola apontam índices positivos quanto à proposta da rede de ensino, não deixando dúvidas sobre o trabalho a ser desenvolvido dentro da escola. O que chama a atenção é que, em entrevista com algumas famílias, constata-se que os pais em sua maioria demonstram satisfação com o quadro de ensino apresentado pelo filho junto à escola. Ao serem questionados sobre o que esperam da escola, respondem prontamente que esperam que a mesma continue o bom trabalho que tem realizado.

A classe social, econômica e mesmo cultural, determina algumas questões e ajuda a desvendar mitos até então mal compreendidos: GOMÉZ (1998), ressalta que a igualdade de oportunidades não é um objetivo ao alcance da escola. O desafio educativo da escola contemporânea é atenuar, em parte, os efeitos da desigualdade e preparar cada indivíduo para lutar e se defender, nas melhores condições possíveis, no cenário social.

Para o aluno, previamente identificado também na análise do Projeto Político Pedagógico, a escola tem sim sua função educativa, porém, a cultura e o incentivo provenientes de seu enredo familiar ecoam em sala de aula. Nem sempre o processo de ensino e aprendizagem atinge suas reais metas. Reforçando tal questão, ao observar os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), nota-se uma pequena queda nos dois últimos, em uma média que não chega atingir 6,0.

O meio social proporciona ao aluno vivências claramente percebidas dentro de sala de aula. Além do empenho e desempenho da escola, de sua equipe e de seu corpo docente, há que se levar em consideração principalmente a presença e o incentivo provenientes da família.

Resta-nos resgatar a ideia de que a educação é um dos processos de formação da pessoa humana. Processo através do qual as pessoas se inserem na sociedade, transformando-se e transformando a sua sociedade.

De acordo com PARO (2001) a educação não tem o papel somente de formar para o trabalho ou para a sobrevivência, mas tem por finalidade a formação humana, baseada em valores como: solidariedade, justiça social, honestidade, responsabilidade e respeito, como condição da construção social do conhecimento.

A compreensão da educação no contexto social pode cair em alternativas idealistas ou imobilizadoras. Alguns a consideram redentora, outros a entendem como reprodutora da sociedade e há ainda os que a compreendem, e aqui se situa esta escola, como crítica, histórica, nem salvadora, nem reprodutora, mas construída a partir de condições sociais concretas, contextualizadas, que possibilitem pensar a realidade, visando uma ação consciente.

É importante que a educação seja vista como um direito de todos, num processo participativo e permanente de construção e apropriação do conhecimento e de tecnologias, contribuindo na formação de sujeitos autônomos, críticos, frente às desigualdades e injustiças sociais.

Neste contexto, retomamos a premissa de que a escola e a família são os dois maiores pilares do desenvolvimento humano. Por essa razão, o trabalho do coordenador pedagógico é tão importante na construção dessa ponte entre escola e família.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial que a criança particularmente se destine. (DURKHEIM, 1978, p. 41)

Diante do trabalho realizado, estudando e analisando a realidade local da escola e de sua comunidade, cabe ao coordenador pedagógico, inserir em sua prática iniciativas que visem atingir positivamente as famílias para que estas assumam seu verdadeiro papel junto à escola.

De acordo com o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2004):

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade e efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer,

à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária (ECA, 2004, p.11).

O processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano consiste em compreender várias dimensões sobre a própria natureza do homem:

- a) Dimensão genética;
- b) Aspectos sócio-histórico-cultural;
- c) Fatores afetivos e estímulos,
- d) Interação e mediação da construção do conhecimento.

No processo pedagógico alunos e professores são sujeitos e devem atuar de forma consciente. Não se trata apenas de sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, mas de seres humanos imersos numa cultura e com histórias particulares de vida. Tal processo envolve um conteúdo que é ao mesmo tempo produção e produto. Parte de um conhecimento que é formal (curricular) e outro que é latente, oculto e provém dos indivíduos.

É função da Escola, realizar a mediação entre o conhecimento prévio dos alunos e o sistematizado, propiciando formas de acesso ao conhecimento científico, cujas práticas educativas sejam condizentes com a realidade e capazes de abranger o indivíduo como um todo, promovendo conhecimento e educação. É nesse momento que a família assume sua responsabilidade de participar do desenvolvimento social e cognitivo da criança junto à escola.

E não poderíamos deixar de mencionar o quanto a presença da família favorece o desenvolvimento afetivo da criança. Proposta então uma parceria entre escola e família, o intuito principal será o de favorecer o educando, estimulando-o quanto ao seu crescimento cognitivo e amadurecimento emocional, criando laços e estabelecendo uma socialização não apenas entre os colegas, mas também entre os adultos.

Segundo Oliveira (2011), a interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é por meio da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja por meio de diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. A autora

comenta e concorda com Vygotsky, uma vez que aborda em seus escritos todo um embasamento teórico que foca a aprendizagem do aluno mediada pelo professor, ressaltando então a presença da afetividade no processo mencionado.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Realizadas as entrevistas, podemos traçar um panorama que difere em alguns pontos, cujas ideias nem sempre coincidem, porém culminam em uma questão principal quando se fala em qualidade de ensino e reorganização da escola pública.

Em conversa com a mãe do aluno E.R.G., houve a constatação de que a mesma gostaria que a escola direcionasse a questão da indisciplina de modo que cada responsável pudesse assumir junto à escola uma proposta de mudança de comportamento dos filhos. Alega ainda que acredita que os atendimentos psicológicos que o filho tem recebido, auxiliam no processo de mudanças, porém esbarram no mau comportamento de outros alunos cujas famílias quase não são vistas na escola.

Os pais de outro aluno G.H.F., manifestaram descontentamento com a equipe diretiva quanto ao número de vezes que são chamados à escola (quase nunca atendem aos respectivos chamados). Alegam terem muitos afazeres e afirmam que a responsabilidade do aluno dentro da escola é encargo dos professores e da equipe gestora. Quando questionados sobre a aprendizagem do filho, também mostraram-se insatisfeitos, pois o mesmo vem de uma retenção no último ano e até o momento não apresentou avanços consideráveis. A queixa da escola junto à família, é que o referido aluno não permanece em sala de aula, se recusa a realizar boa parte das atividades e não aceita regras. A família nega que este seja o comportamento do filho em casa e coloca em cheque a palavra e o papel da escola. Nenhum outro tipo de ajuda foi buscado pela família a fim de investigar tal comportamento do aluno que vem impedindo que o mesmo avance quanto à aprendizagem.

J.V.O. é um outro caso que chama a atenção durante a entrevista, pois a mãe tem buscado outros tipos de atendimentos para contribuir com a aprendizagem

do filho dentro da escola. Segundo relata a própria mãe, desde o 1º ano do ensino fundamental o aluno manifestava um comportamento arreado, agredia os colegas de sala e nem sempre realizava suas atividades. Atualmente, atendido por uma psicóloga e por um psiquiatra infantil, o aluno apresenta traços de melhoras quanto à aprendizagem, bem como quanto ao comportamento. O mesmo foi diagnosticado pelo médico que o acompanha, com uma depressão infantil. Medicado e acompanhado, o aluno tem sido bem sucedido na rotina escolar.

Outro caso a ser mencionado, é o do aluno A.S.M. que apresenta-se como um aluno muito indisciplinado e bastante agressivo. Realiza parcialmente as atividades propostas, porém raramente acata regras e não convive harmonicamente com os demais colegas, professores e equipe. A mãe relata que o mesmo presenciou a morte do pai e que após o fato, tornou-se ainda mais agressivo e rebelde, inclusive em casa. Atualmente, o aluno não recebe nenhum outro tipo de atendimento além das aulas diárias dentro da escola. A mãe relata ainda que a escola acionou o Conselho Tutelar e que a mesma não consegue lidar com o próprio filho de modo que este melhore seu comportamento e intensifique a aprendizagem. A mãe mostra-se satisfeita com a escola, pois alega estar acompanhando o processo de ensino e aprendizagem e entende que algumas questões fogem do controle da instituição.

A mãe da aluna G.M.C.S., afirma que o trabalho da escola muito tem contribuído não apenas com o processo cognitivo da filha, bem como com a interação entre escola e família. Diz ainda que sempre que solicitada, principalmente nas reuniões bimestrais e nas reuniões de pais, faz questão de estar presente, pois considera esse elo entre escola e família uma fonte inesgotável de bons resultados. Uma parceria que estabeleceu com a escola desde o 1º ano do ensino fundamental.

Dando continuidade, referente à aluna J.R.B., a avó (responsável pela criança), mostra-se bastante satisfeita com o atendimento ofertado pela escola. Salienta que a neta é bastante responsável e comprometida com os estudos. Destaca ainda que observa alguns casos de indisciplina na escola, mas compreende também que a família tem que assumir a responsabilidade de educar e se tornar parceira da escola. Relata que é participativa em todos os eventos promovidos pela escola e que a qualidade do ensino ofertado é muito boa.

Em entrevista com a pedagoga da escola (G.R.S.M.), esta pontua que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores e pela equipe, é a questão da indisciplina. Infelizmente, muitos pais não assumem a responsabilidade sobre os filhos e todo peso acaba recaindo sobre os ombros da escola. Nesses casos, nem mesmo o Conselho Tutelar consegue intervir com eficácia, pois o processo burocrático muitas vezes não é ágil. Os anos passam e muitas vezes a criança é transferida para outra escola e o problema persiste. A escola tem se empenhado, estudando e elaborando estratégias que visem melhorar a questão da indisciplina e do fracasso escolar. Projetos têm sido elaborados e desenvolvidos, porém ainda há muito que se fazer em prol do envolvimento das famílias nesse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre escola / família e a atuação do coordenador pedagógico neste contexto, vem sendo alvo de pesquisas e de estudos de muitos teóricos da área educacional ou não. Para que se conheça a fundo a realidade de cada local, cabe ao pesquisador conhecer, teorizar e saber um pouco sobre a prática pedagógica do coordenador, onde a sociologia auxilia no que se refere a compreender a realidade familiar de cada educando. O não envolvimento da família no contexto escolar vai muito além do se possa imaginar, trata-se de questões sociais, econômicas e culturais, tais traços muitas vezes demarcam um limite nem sempre ultrapassado pelos participantes do processo em questão. As considerações são amplas e os pormenores não podem ser descartados, pois com um simples detalhe, muitas vezes se alcança bem mais, do que se almejava. A escola pública tem feito a diferença com tudo o que pode, nas formações, reuniões, propostas e projetos inovadores.

Porém, há um contexto social no entorno de todas essas questões. Sociedade não se muda, se constrói e se reconstrói a cada período, a cada época, os anos passam e colhemos os frutos de uma sociedade contemporânea que não apresenta o mesmo discurso de dez anos atrás. As próximas décadas nos trarão resultados diferentes dos que temos hoje, por isso e para isso, a educação necessita ser cada dia mais um complemento social e não um objeto de redenção. Se paga

muito mais caro que se imagina por uma educação pública e por um ensino de qualidade. Envolver-se com a educação é abraçar uma causa humana, política, social, econômica e cultural.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Zaia. **A inteligência educacional – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil** – Bragança Paulista: IFAN – CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/ EDUSF, 1999.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**/ Secretaria dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. – Brasília: MEC, ACS, 2004.

COMENIUS, **Didática Magna**, trad. Ivone Castilho Benedetti, 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DI SANTO, Joana Maria R. **Interação Família-Escola**. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.pro.br/infamesco.htm>. Acesso em: 17 de maio/2014.

DOURADO, Luiz Fernandes. **A gestão democrática e a construção de processos coletivos de participação e decisão na escola**. In: FERREIRA, Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. Para onde vão a supervisão e a orientação educacional? Campinas: Papirus, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 11ª Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A nova regulação de forças no interior da escola: carreira, formação e avaliação docente**. In: RBPAE, Vol. 27, nº 1, p. 25 – 38, jan./abr. 2011.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001
PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, à escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, 2003.

PÉREZ-GÓMEZ, A. I. Os processos de ensino e aprendizagem: análise didática das principais teorias de aprendizagem. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ-GÓMEZ, A. I. (Orgs.). **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-51.

STEIGENBERG, Josmary Firmino de Souza. **Interação Família-Escola: saberes necessários para a construção de relações transformadoras**. PDE, 2007. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/763-4.pdf> >. Acesso em 15 de maio/2014.